

temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
E FUNDAÇÃO OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS **20, 21 E 22.6**

futuros do passado

20.6 quinta 20H30 JACARANDÁ

21.6 sexta 20H30 PEQUIÁ

22.6 sábado 16H30 IPÊ

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO - OESP**
MICHAEL COLLINS REGÊNCIA E CLARINETE

JOSEPH HAYDN [1732-1809]

Sinfonia nº 22 em Mi Bemol Maior - "O Filósofo" [1764]

ADAGIO

PRESTO

MENUETTO. TRIO

FINALE: PRESTO

16 MIN

ELENA KATS-CHEERNIN [1957]

Ornamental Air [2007]

I.

II.

III.

22 MIN

/INTERVALO

20 MIN

BENJAMIN BRITTEN [1913-76]

Sinfonietta, Op.1 [1932]

POCO PRESTO ED AGITATO

VARIAÇÕES

TARANTELLA

15 MIN

WOLFGANG AMADEUS MOZART [1756-91]

Concerto Para Clarinete em Lá Maior, KV 622 [1791]

ALLEGRO

ADAGIO

RONDO: ALLEGRO

25 MIN

JOSEPH HAYDN

Sinfonia nº 22 em Mi Bemol Maior - "O Filósofo"

Composta por Haydn para a corte húngara de Esterházy, a *Sinfonia nº 22* tem uma estrutura barroca (de *sonata da chiesa* ["da igreja"]) em sua sequência de movimentos (lento-rápido-lento-rápido), mas é totalmente clássica na forma e no estilo. A instrumentação é singular: dois cornes ingleses, duas trompas e cordas. Os cornes ingleses, usados no lugar dos habituais trompetes, levam a sonoridade para um patamar mais grave, tanto no sentido de extensão quanto de seriedade. No primeiro movimento essa instrumentação é exibida com requintada simplicidade: os metais propõem perguntas, logo respondidas pelas palhetas, sobre um baixo andante e cordas com surdina, o que cria uma sonoridade envolvente e um maravilhoso senso de direção. Parece um prelúdio coral em que os instrumentos fazem o papel normalmente designado para vozes. Na escrita, o baixo bachiano, nos moldes do século XVIII, se contrapõe à melodia, assumidamente clássica, com gestos galantes e *appoggiaturas*. O efeito do baixo implacável contraposto à delicadeza dos violinos é ao mesmo tempo estável e perturbador, sério e jocoso, e já seria suficiente para inserir esta obra entre as joias do período.

Com um único tema principal, o segundo movimento dissipa as nuvens de pressentimento do primeiro e é genuinamente alegre e despreocupado, beirando o exultante. Os poucos gestos mais dramáticos que se delineiam são logo desfeitos e não chegam a criar sombra na paisagem luminosa.

O terceiro movimento retoma algumas das ideias do primeiro, como as perguntas e respostas e o uso de ritmo simples e estável, com notas de valores iguais. Desenvolve-se, no entanto, em uma veia mais doce e *cantabile*. Seguindo a fórmula dos minuetos clássicos, é curto e sem muito peso, austero em sua exposição principal e brincalhão no trio, em que as trompas se divertem tentando emular trompetes.

No breve quarto movimento, construído sobre um motivo quase minimalista, uma explosão de entusiasmo e virtuosismo se mostra em rápidas alternâncias de frases e climas, com ênfase nos "sons de caça" que viriam a ser uma das marcas registradas de sinfonias deste período.

Ninguém sabe exatamente o porquê do epíteto "O Filósofo", que foi dado à *Sinfonia n.º 22*. Uma das teorias prevalentes menciona as perguntas e respostas das trompas e cornes ingleses do primeiro movimento, outra ainda afirma que é a presença de um inabalável tique-taque que representaria o tempo passando enquanto o filósofo pensa na vida, em vez de viver. Outros citam a escolha, na instrumentação, de dois sopros que representam a união de contrários (o corne inglês e o corne francês, que designa a trompa). Talvez a própria contradição entre a seriedade e a ironia, a angústia e a despreocupação, faça referência ao oxímoro que é o pensar: uma *atividade* intrinsecamente *passiva*.

ELENA KATS-CHERNIN

Ornamental Air

Pretensiosos que somos, nos consideramos muito globalizados e pensamos ter toda a informação do mundo na ponta dos dedos, enquanto ignoramos enormes fatias da vida e cultura de outros países. No que se refere à arte, ainda que estejamos razoavelmente informados sobre a Europa, regiões apenas ligeiramente fora de nosso roteiro habitual são praticamente terra incógnita. Ainda um nome pouco familiar, Elena Kats-Chernin, nascida no Uzbequistão e radicada na Austrália, goza, entretanto, de reputação sólida naqueles países e construiu uma obra importante e festejada, que inclui óperas, balés, trilhas sonoras, além de todo tipo de música vocal e instrumental. Suas composições têm sido cada vez mais executadas e gravadas no mundo todo.

Escrita para Michael Collins, *Ornamental Air* foi uma encomenda conjunta de várias orquestras: City of London Sinfonia, Sinfônica da Carolina do Norte, Orquestra de Câmara Sueca e Sinfônica da Tasmânia. Baseia-se largamente no *Concerto Para Clarinete* de Mozart, reproduzindo-lhe a formação instrumental e evocando seu espírito borbulhante. A orquestração é imaginativa e vívida, e o *clarinete basset*, um instrumento bastante raro no papel de solista, tem ampla oportunidade de exibir o som aveludado que a caracteriza e de tirar partido de sua flexibilidade e extensão particularmente grandes. Kats-Chernin explora muito bem esses atrativos, sem abrir mão de um inesperado virtuosismo, tanto na parte do solista quanto na da orquestra.

O primeiro movimento, uma dança sincopada alegre que evoca os ritmos folclóricos latinos temperados com pitadas de jazz, de *klezmer* e de vago orientalismo, percorre todos os registros do clarinete. Suas frases repletas de escalas, arpejos e *appoggiaturas* brilhantes são às vezes interrompidas pela pontuação atenciosa da orquestra. Uma *cadenza* discretamente acompanhada, ao mesmo tempo terna e reluzente, quase um estudo melódico, termina o movimento inicial e introduz a seção central; esta, mais introspectiva, com longas linhas dolentes respondidas por uma afirmação amável da flauta ou do violino, põe em relevo o timbre reconfortante do clarinete, que flerta com o sentimentalismo.

A eletricidade parece se concentrar mais nas linhas da orquestra do que nas do solo que, sem pressa, conta uma história amorosa em textura paradoxalmente salpicada de notas agudas. No terceiro movimento, um turbilhão de notas desemboca em mais uma *cadenza* acompanhada, oferecendo ao solista inúmeras chances de seduzir a plateia. Acentos nos contratempos, mordentes, trilos e glissandos se misturam em uma festa de sons. O passado de patinadora artística da compositora se manifesta nessa música dinâmica que serpenteia, salta e desliza, em coreografia exuberante e milimetricamente calculada.

BENJAMIN BRITTEN

Sinfonietta, Op.1

Obra que veio a receber a primeira entrada no catálogo do compositor, a *Sinfonietta* foi escrita por Britten aos 18 anos, quando era ainda aluno do Royal College of Music, e é dedicada a seu professor de composição, Frank Bridge. A habilidade de Britten para a instrumentação já se manifesta claramente nesta peça de juventude. Há nela uma alternância entre o espírito romântico herdado dos quartetos de cordas do século XIX e o caráter selvagem e brincalhão da escrita para os sopros, que aponta decididamente para o futuro. Podem-se perceber ecos de Hindemith, na angularidade melódica, de Schoenberg, na linguagem tensa das cordas, e de Stravinsky, em sua energia barbárica, presente, por exemplo, na peça do compositor russo com instrumentação semelhante, o *Ragtime Para 11 Instrumentos*.

O grupo de câmara, formado por cinco instrumentos de cordas e cinco de sopros, entabula conversa ágil, cheia de gestos repentinos que se cruzam. Partes carregadas de vigor se transformam bruscamente em rapsódias nostálgicas e afetuosas. O resultado torna-se por vezes ligeiramente cômico, como se fosse música para acompanhar um desenho animado repleto de peripécias. Os violinos se combinam em diálogo amável e vão arrebanhando os outros instrumentos, que se tornam progressivamente mais agressivos a partir dessa associação. Cada vez que o *tutti* instrumental é quebrado, a voz de um dos instrumentos é exposta e seu caráter lírico é enfatizado.

Na *Sinfonietta* os intérpretes conversam entre si com muita graça e todas as combinações possíveis de timbre são exploradas, assim como técnicas expandidas de cada naipe, o que dá à música uma refrescante sensação de liberdade. Com extrema perspicácia, Britten em alguns trechos exemplifica o tratamento convencional de cada um dos seus solistas – o bucolismo do oboé, o lirismo da flauta, a evocação da caça nas trompas, as linhas como-vedoras do violino – para em seguida subverter esta expectativa e assim conseguir uma textura muito rica, que parece se renovar constantemente.

WOLFGANG AMADEUS MOZART

Concerto Para Clarinete em Lá Maior, KV 622

Às vezes, na história da música, existe uma peça tão identificada com um instrumento que ela se torna o símbolo daquele timbre. É quase impossível pensar em clarinete e não ouvir mentalmente o *Concerto* de Mozart, com seus três movimentos perfeitamente equilibrados, suas frases que parecem brotar espontaneamente da campânula. Tão emblemática se tornou esta peça, que é uma das mais frequentes em provas de concurso; e todos os concertos para clarinete escritos depois dela são, de alguma maneira, conectados a suas ideias, seja como referência ou negação.

No entanto o *Concerto* – o último completado por Mozart, apenas dois meses antes de sua morte – é ainda cercado de incertezas. Como dele não existe autógrafo, muitas das intenções do compositor precisam ser adivinhadas, e não se sabe a extensão das colaborações e acréscimos posteriores. Costuma-se tocar o concerto no clarinete em lá. Mas é no clarinete *basset*, com seu escopo estendido e sua sonoridade sedutora, que ele se mostra em toda a sua beleza.

Bem-sucedida parceria entre o *luthier* Theodor Lotz, Mozart e Anton Stadler, amigo do compositor que era reconhecido virtuose, o *Concerto* foi pensado para exibir esse clarinete *basset*, que reunia as qualidades sonoras do clarinete em lá, mas lhe aumentava o escopo sensivelmente. Acontece que tal instrumento, mesmo na época de Mozart, era extremamente incomum. Na verdade, o próprio clarinete, que havia sido recentemente desenvolvido, até então tinha um repertório bastante limitado. Foi justamente Mozart um dos primeiros compositores de peso a lhe dar partes importantes e a explorar

seu timbre e suas possibilidades expressivas. Assim, para aumentar o possível público interessado, as edições póstumas da peça indicam como solista o clarinete em lá.

Poderíamos imaginar que a proximidade da morte tivesse feito com que Mozart desse a esta composição um caráter sombrio ou desolador. Longe disso: a música flui com serena alegria, e os poucos momentos de melancolia são ainda assim mergulhados em doçura. Normalmente classificamos Mozart como um compositor perfeitamente inserido em sua época, que usava os recursos composicionais habituais e não tinha qualquer pretensão de revolucionar a gramática e a estética da música de seu tempo. O que esquecemos é que parte da atitude normal dos compositores de então era justamente a de abraçar as novidades. Mozart era um mestre em entender e projetar as qualidades essenciais dos instrumentos de sopro: para cada um deles escreveu pelo menos um concerto que se tornaria parte essencial do repertório, e viria a influenciar a escrita instrumental dos séculos seguintes. Dentre tantas obras notáveis e seminais, talvez seja o *Concerto Para Clarinete* o mais inspirado, o mais maduro e sofisticado. Certamente sua compreensão em relação ao que o clarinete podia acrescentar ao som da orquestra clássica contribuiu em muito para que ele fosse incorporada definitivamente ao rol dos instrumentos sinfônicos.

LAURA RÓNAI

É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL
PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL
NA UNIRIO E PROFESSORA NO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA
ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—
Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



MICHAEL COLLINS

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

—
Conciliando a prestigiosa carreira de solista à de regente, o clarinetista e maestro britânico já regeu orquestras como a Sinfônica de Melbourne, a Sinfônica da BBC e a Orquestra de Câmara de Zurique. De 2010 a 2018 foi Regente Principal da City of London Sinfonia, tendo recebido, na ocasião do Aniversário da Rainha em 2015, o título de Membro da Ordem do Império Britânico (MBE) pelos serviços prestados à música.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER*** EMÉRITO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSEY
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LÂNDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS

VICTORIA HARRILD* HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXO

ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO
FABIOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR.
CORNE INGLÉS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LIÑAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO
ANTONIO CARLOS LOPES JR.**
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA

FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚNIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA

MÚSICOS CONVIDADOS DO PROGRAMA
ALESSANDRO SANTORO CRAVO
RENAN MENDES FLAUTA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA ADJUNTA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA, INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.



Lei de Incentivo à
CULTURA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Marina Saleme

São Paulo, SP, 1958

Detalhe da obra **Três pessoas**, 1999

óleo sobre tela

184 x 300 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação da artista, 2004

Crédito fotográfico: Isabella Matheus

Serviços Sala São Paulo

   /osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br